

## SERMÃO 50

### NOTAS INTRODUTÓRIAS

Como o assunto é ao mesmo tempo muito difícil e muito importante, examinaremos este sermão com grande cuidado. Talvez jamais houvesse nos tempos modernos um homem que pudesse mais despreocupadamente tratar desta questão, do que o próprio Wesley. Exemplificou, numa longa vida de notável atividade e diligência, a primeira grande regra que ele mesmo estabeleceu como parte essencial do caráter cristão, isto é: “Ganhai o mais que puderdes.” Sua atividade era incessante. Nunca omitiu uma oportunidade de empregar proveitosamente o seu tempo. Escreveu livros originais e resumiu outros, e por suas publicações recebeu grandes somas. Nenhum autor – e, até onde sabemos, nenhum editor – de seu tempo recebeu tão grande quantidade de dinheiro como produto da pena. Devotou-se a remediar todas as faltas de todas as classes de homens. De um dicionário a uma história, de um opúsculo de um *penny* a uma série de trinta volumes, ele se exercitou em todas as espécies de louvável aventura, através da imprensa. Foi o primeiro homem de proeminência que tentou *baratear* o conhecimento e pô-lo ao alcance do povo de recursos modestos. Foi, portanto, o precursor das várias sociedades de tratados do último período. Concebeu a teoria de multiplicar as tiragens de um livro barato e com pequeno lucro, auferindo, todavia, grande resultado, pelo grande número de vendas. Calcula-se que ele ganhou por esse meio não menos de 250.000 dólares.

Ele foi, porém, uma ilustração prática da segunda regra dada neste discurso, isto é: “Poupei o mais que puderdes”. Muitos homens acham que suas *necessidades* se multiplicam à medida que suas rendas aumentam. Wesley, ao contrário, quando sua renda era de 30 libras, ou 150 dólares em moeda americana, vivia com 140 e economizava 10. Quando sua renda alcançou 250 dólares, ele ainda gastava, 140 e economizava 110. E assim, de ano para ano, permanecendo a mesma sua despesa, aumentava-se o vulto de sua economia; e, se se detivesse aí, sua riqueza teria sido considerável. Mas não se deteve, como fazem muitos entre nós, quanto a ganhar e economizar. Wesley possuía uma terceira regra, que considerava seu dever de consciência, exatamente como as outras duas. A terceira regra, em sua linguagem gráfica, era: “Dai o mais que puderdes”. Aí está o princípio complementar que fez de sua vida o mais integral, o mais simétrico e o mais eficiente exemplo de beneficência. Não amontoou seu dinheiro para erigir um *monumento* destinado à admiração da posteridade. Deu seu dinheiro à medida que o adquiria.

### ESBOÇO DO SERMÃO 50

O contexto do ensino de nosso Senhor. A importância do assunto apresentado. O modo irracional de tratar o assunto, por arte dos poetas e oradores pagãos. As funções importantes do dinheiro como instrumento de fazer o bem. Dai as seguintes regras:

- I. “Ganhai o mais que puderdes” – sem dano à tua vida, ou saúde, ou alma, ou a teu próximo no tocante a seu corpo ou sua alma. Ganha o mais que possas com honestidade, atividade e bom senso.
- II. “Economizai o mais que puderdes”. Não gastes em desejos da carne, ou dos olhos, ou do orgulho; e, se não gastas Contigo mesmo, também não gastes com teus filhos, nem deixes fortuna para eles gastarem.
- III. “Dai o mais que puderdes”. 1. Provê o necessário a ti mesmo, conscienciosamente, como diante de Deus. 2. A todos os que dependem de ti, incluindo-se todos os teus empregados. 3. Dá, segundo um juízo correto, tudo que sobrar, a Deus. Lembra-te de que não a décima parte, ou a quinta, ou a terça, ou a metade, mas *tudo é de Deus*.

## SERMÃO 50

### O USO DO DINHEIRO

“E eu vos digo: Granjeai amigos com o mamom da iniquidade, para que, quando faltardes, eles vos recebam nos tabernáculos eternos.”

(Lucas 16.9)

1. TENDO terminado a bela parábola do Filho Pródigo, dirigida principalmente aos que murmuravam ante o fato de o Mestre receber publicanos e pecadores, nosso Senhor acrescenta outra de diferente espécie, endereçada antes aos filhos de Deus. “Disse a seus discípulos” – não tanto aos escribas e fariseus, a quem havia falado antes: “Havia um homem rico, que tinha um administrador; e este lhe foi denunciado como esbanjador dos seus bens. Chamou-o e perguntou-lhe: Que é isto que ouço dizer de ti? dá conta da tua administração, pois já não podes mais ser meu administrador”, (versículos 1 e 2). Depois de narrar o método de que o administrador infiel se serviu para fazer provisão destinada ao dia da necessidade, nosso Senhor aduz: “Seu senhor louvou o administrador infiel” neste sentido: ter ele usado oportunamente de precaução; e junta esta notável reflexão: “Os filhos deste mundo são mais sábios em sua geração do que os filhos da luz”, (versículo 8): os que não buscam outra porção fora deste mundo, “são mais sábios” (não de modo absoluto, porque são, todos e cada um, Os maiores loucos, os mais ilustres alucinados que há debaixo dos céus; mas, “em sua geração”, em seu próprio terreno; são mais coerentes consigo mesmos; são mais fiéis aos princípios que abraçam; mais firmemente realizam os seus fins) “do que os filhos da luz” do que os que vêem “a luz da glória de Deus na face de Jesus Cristo”. Seguem-se então as palavras acima citadas: “E eu” o Unigênito Filho de Deus, o Criador, Senhor e Possuidor dos céus e da terra e de tudo que neles há; o Juiz de todos, a quem devemos “dar contas de nossa administração”, quando não mais “pudermos ser seu administrador”, “digo-vos” – aprendei, neste sentido, mesmo com o despenseiro infiel: “Granjeais amigos” por sábia, oportuna precaução, “com o mamom da iniquidade”: “Mamom” quer dizer riquezas, ou dinheiro. É chamado “o mamom da iniquidade” em razão da maneira iníqua pela qual a riqueza freqüentemente se adquire, e pelo modo

por que são geralmente empregadas mesmo as riquezas que se adquirem com honestidade. “Granjeai amigos” com isto, fazendo todo o bem possível, especialmente aos filhos de Deus; “para que, quando faltardes” – quando voltardes ao pó, quando não mais tiverdes lugar debaixo do sol – os amigos que tiverem partido antes “vos recebam”, vos dêem as boas-vindas nas “habitações eternas”.

2. Um aspecto excelente da sabedoria cristã é aí inculcado por nosso Senhor a todos os seus seguidores: o uso correto do dinheiro – assunto de que os homens do mundo falam abundantemente, à sua maneira, mas não é suficientemente encarado por aqueles a quem Deus escolheu do mundo. Estes, geralmente, não consideram, com a atenção que o assunto requer, o uso desse ótimo talento. Nem eles sabem como empregá-la para auferir a maior vantagem; não compreendem que sua Introdução no mundo, é um exemplo admirável da sábia e graciosa providência de Deus. Tem sido, na verdade, hábito dos poetas, oradores e filósofos, em quase todas as eras e nações, ridicularizar o dinheiro, como o grande corruptor do mundo, o flagelo da virtude, a peste da sociedade humana. Dai, nada mais comum do que ouvirmos:

“Nocens ferrum, ferro que nocencius aurum”:

“E o ouro, mais pernicioso do que o aço temperado.”

Daí a lastimosa queixa:

“Effodiuntur opes, irritamenta malorum”:

“A riqueza é a nutriz, o incentivo de todo mal.”

Ademais, um célebre escritor gravemente exorta a seus patrícios, para que o vício seja banido de vez, a “lançar todo seu dinheiro no mar”:

“In mare proximum,

Summi materiem mali.”

Mas tudo isso não é simples palavreado oco? Há nele qualquer fundamento sólido? De modo nenhum. Porque, seja o mundo tão corrupto quanto quiser, o ouro ou a prata são culpados? “O amor do dinheiro”, sabemos-la, “é a raiz de todos os males”; mas não o dinheiro em si. O mal não está no dinheiro, mas nos que usam dele. Ele pode ser usado para o mal: e que há que o não possa? Mas pode igualmente ser usado para o bem: é suscetível de ser aplicado para o melhor fim, assim como para o pior. É de indizível utilidade a todas as nações civilizadas, em todos os negócios comuns da vida: é o mais conciso instrumento de efetuar todas as modalidades de negócio, e (se o usarmos segundo a sabedoria cristã), de fazer toda classe de bem. É verdade que, se estivessem todos os homens em estado de inocência, ou estivessem todos os homens “cheios do Espírito Santo, de modo que, como na igreja nascente em Jerusalém, “ninguém reputava coisa alguma que possuía como sua própria”, mas “distribuía-se a cada um que tivesse necessidade”, seria supérfluo seu uso no mundo, assim como não podemos conceber haja qualquer coisa dessa espécie entre os habitantes do céu. Mas, no presente estado da humanidade, o dinheiro é uma excelente dádiva de Deus, correspondendo aos mais nobres fins. Nas mãos de seus filhos (a alimentação do faminto, a bebida do sedento, o vestuário dos nus: dá ao viandante e ao peregrino lugar sobre que descansa a cabeça. Por meio dele podemos suprir à viúva a falta de seu marido e aos órfãos a falta de seu pai. Por meio dele podemos ser defesa do oprimido, remédio do enfermo, consolação do aflito; pode ele ser olhos do cego e pés do estropiado; sim, pode ser uma libertação das portas da morte.

3. É, portanto, da mais alta importância que todos os que temem a Deus saibam como empregar esse valioso talento; que eles sejam instruídos na maneira de corresponder àqueles gloriosos fins e no mais elevado grau. E, talvez, todas as instruções que são necessárias a isto se possam reduzir a três regras nítidas, cuja observância exata nos torne aprovados como fiéis dispenseiros do “mamon da iniquidade”.

## I

1. A primeira dessas regras é (o que ouve, entenda!) – “Ganhai o mais que puderdes”. Aí podemos falar como os filhos do mundo: unimo-nos a eles em seu próprio terreno. Éde nosso estrito dever praticar isto: devemos ganhar tudo quanto pudermos ganhar, sem comprar o ouro demasiadamente caro, sem pagar por ele mais que seu valor. Mas isto é certo que não devemos fazer: não devemos ganhar dinheiro à custa da vida, nem (o que é, com efeito, a mesma coisa), à custa de nossa saúde. Portanto, não devemos ganhar seja o que for, desde que nos induza a entrar para um emprego, ou continuar nele, se for de tal espécie, ou reclamar tão árduo ou tão longo trabalho, que nos abale a constituição. Nem devemos iniciar ou levar avante negócio que necessariamente nos prive das horas próprias de aumento e de sono, nas proporções reduzidas por nossa natureza. Na verdade, há neste ponto grande diferença. Alguns trabalhos são absoluta e totalmente insalubres, como os que implicam em lidar com arsênico ou outros minerais igualmente venenosos, ou respirar um ar viciado pelos vapores ardentes do chumbo, o que deve afinal destruir as mais fortes constituições. Tais são os que exigem muitas horas gastas em escrever, principalmente se a pessoa escreve assentada e reclinada sobre o estômago, ou permanece por muito tempo numa posição incômoda. Seja, pois, o que for que a razão ou a experiência aponte como destrutivo da saúde e das forças, não nos submetamos a isso, visto que “a vida é mais” valiosa “doque o alimento e o corpo mais do que o vestido”.

Se estivermos já entregues a tal emprego, devemos mudar-nos, tão depressa quanto possível, para algum outro que, se nos diminuir o ganho, ao menos não nos diminuirá a saúde.

2. Devemos, em segundo lugar, ganhar o mais que pudermos, sem dano ao nosso espírito e sem maior dano ao nosso corpo. Porque nem esse prejuízo devemos sofrer: devemos conservar, em qualquer caso, o espírito da mente sadia. Assim, não podemos iniciar negócio pecaminoso, nem continuar nele; não podemos exercer qualquer comércio que seja contrário à lei de Deus ou às leis de nosso país. Tais são os que necessariamente implicam em roubar do rei ou defraudá-lo de suas prerrogativas legais, pois é pelo menos tão pecaminoso defraudar o rei em seu direito, como roubar de nossos concidadãos; e o rei tem tão indiscutível direito a suas prerrogativas como temos direito às nossas casas e vestuário. Outros negócios há que, conquanto inocentes em si mesmos, não podem ser agora exercidos inocentemente, pelo menos na Inglaterra: tais são, por exemplo, os que não garantem suficiente renda sem uso da fraude ou do engano, ou sem que o indivíduo se conforme com algum costume que não seja consistente com uma boa consciência: esses devem, do mesmo modo, ser evitados, quaisquer que sejam os proventos que possam proporcionar, se seguirmos o costume do comércio; porque, para ganhar dinheiro, não devemos perder a alma. Ainda há outros que podem ser exercidos com perfeita inocência, sem causar dano ao corpo ou à alma de outros homens, e que talvez a vós vos não convenham, seja porque vos ponham em contacto com companhias que vos destruiriam a alma, sendo que por repetidas experiências vos capacitastes da impossibilidade de separar uma coisa de outra; seja porque haja uma idiosincrasia uma peculiaridade de vossa constituição de alma (como existe na constituição física de muitos), em razão da qual aquele emprego vos é mortal, embora outros possam exercê-lo impunemente. Assim, estou convencido, por muitas experiências, de que não posso estudar, até certo grau de perfeição, as matemáticas – aritmética ou álgebra – sem ser deísta, senão mesmo ateiستا; outros, todavia, podem estudar essas matérias a vida inteira sem que sustentem qualquer inconveniência. Ninguém pode, portanto, neste ponto, escolher para outrem, mas cada um deve julgar por si mesmo e abster-se daquilo que em particular ache ruinoso à própria alma.

3. Devemos, em terceiro lugar, ganhar o mais que pudermos, sem causar dano a nosso próximo. Mas isto não devemos, não podemos fazer, se amarmos a nosso próximo como a nós mesmos. Não podemos, se amarmos a cada um como a nós mesmos, causar dano a alguém *em seus haveres*. Não podemos devorar os produtos de suas terras, e talvez as próprias terras e casas, pelo jogo, pela aparatosa propaganda (seja no caráter de médico, advogado ou qualquer outra coisa), ou por exigir ou receber juros vedados pelas leis de nosso país. Por este princípio, todo comércio à base de penhores é condenável, visto que, qualquer que seja o bem que possamos fazer por meio dele, todos os homens sem preconceitos vêm com escândalo ser essem abundantemente sobrepujado pelo mal que o negócio ocasiona. E se fosse de outro modo, ainda nos não seria permitido “fazer o mal para que venha o bem”. Não podemos, em consonância com o amor fraternal, vender nossos bens abaixo da cotação; não podemos tentar arruinar o negócio do próximo para fazer progredir o nosso; muito menos podemos aliciar ou receber qualquer de seus empregados ou operários, de quem o próximo tenha necessidade. Ninguém pode ganhar à custa de devorar os bens de seu próximo, sem ganhar a condenação do inferno!

4. Nem podemos ganhar, prejudicando o nosso próximo em *seu corpo*. Portanto, não podemos vender coisa alguma que tenda a arruinar-lhe a saúde. Tal acontece eminentemente com aquele fogo líquido, comum ente chamado licor ou bebida espirituosa. É verdade que tais bebidas podem ter aplicação em medicina; podem ser úteis em alguns distúrbios físicos, embora raramente houvesse ocasião de Seu emprego, se não fora a imperícia do médico. Prepará-las, portanto, e vendê-las somente para uso médico, pode ser ato que se pratique com a consciência limpa. Mas, quem assim procede? Quem é o que prepara bebidas somente para fins terapêuticos? Conheceis dez desses destiladores na Inglaterra? Então os desculpai. Mas todos os que vendem bebidas pelos meios comuns, a quem queira comprar, são envenenadores do público. Assassnam por atacado os súditos de Sua Majestade, sem dó nem piedade. Conduzem-nos ao inferno como um rebanho. E qual é seu lucro? Não é o sangue desses homens? Quem poderia, então, invejar seus largos domínios e suntuosos palácios? A maldição está em meio deles: a maldição de Deus se mistura às suas pedras, às madeiras, aos móveis! A maldição de Deus está em seus jardins, em suas alamedas, em seus bosques – um fogo que abrasa no mais profundo inferno. Sangue, o sangue alí está: os alicerces, o assoalho, as paredes, o teto, são cimentados com sangue! E podes tu esperar, ó homem de sangue, embora estejas “vestido de escarlata e linho fino; e todos os dias te banqueteies esplendidamente”, podes esperar que deixes teus *campos de sangue* à terceira geração? Não será assim; porque há um Deus nos céus. Teu nome, portanto, bem cedo se apagará. A semelhança daqueles a quem destruíste em corpo e alma, “tua memória perecerá contigo!”

5. E não são participantes da mesma culpa, embora em grau inferior, os cirurgiões, farmacêuticos ou médicos que brincam com a vida ou a saúde dos homens, no intuito de alargar seus proventos? Que deliberadamente prolongam o sofrimento e a enfermidade, que poderiam remover de pronto? Que protelam a cura do corpo de seu cliente, para lhe sugar os haveres? pode ser limpo diante de Deus o homem que não abrevia toda doença “tanto quanto possa” e não remove toda doença e toda dor “tão logo possa”? Não pode; porque nada pode haver mais claro do que o fato de ele “não amar a seu próximo como a si mesmo”, nem fazer “aos outros como quereria que os outros lhe fizessem”.

6. Este é o ganho comprado caro. E assim é o que é adquirido por prejudicar a nosso próximo em *sua alma*; por servir, digamos, direta ou indiretamente, à sua incastidade ou intemperança, o que certamente ninguém pode fazer, se tiver algum temor de Deus ou algum desejo de o agradar. A consideração disto toca de perto àqueles que de algum modo se acham relacionados com tavernas, restaurantes, teatros, cassinos, ou quaisquer outros lugares públicos destinados a diversões. Se essas coisas aproveitam à alma dos homens, estais limpos; vosso emprego é bom e vosso ganho é inocente; mas, se elas são pecaminosas em si mesmas, ou se são entradas naturais abertas ao pecado de várias espécies, então é para temer que não tenhais uma péssima conta a ajustar. Oh! Guardai-vos de que Deus diga naquele dia: “Eles pereceram em sua iniquidade, mas seu sangue eu o requererei de tuas mãos!”

7. Observadas estas precauções e restrições, é um grave dever de todos os que se acham empenhados em negócios profanos observar aquela primeira e grande regra de sabedoria cristã, acerca do dinheiro: “Ganhai o mais que puderdes”. Ganhai tudo quanto puderdes ganhar pela atividade honesta. Usai de toda diligência possível em vossa profissão. Não percais tempo. Se vos conhecerdes a vós mesmos e vossa relação para com Deus e o homem, sabereis que nenhum tempo tendes a dissipar. Se conhecerdes, como deveis, vossa vocação particular não tereis tempo para cruzar os braços. Todo negócio proporcionará algum emprego suficiente a cada dia e a cada hora. Aquilo em que estiverdes colocados, se o executardes com ardor não vos deixará vagares a diversões tolas, inúteis. Sempre tereis alguma coisa melhor a fazer; alguma coisa que vos aproveitara em maior ou menor escala. E “aquilo que vossas mãos acharem para fazer, fa-lo-eis com diligência”. Fazei-o tão depressa quanto possível: não vos demoreis! Não adieis de um para outro dia, de uma para outra hora! Não deixeis nunca qualquer coisa para amanhã, desdeque possais fazê-la hoje. E fazei-a tão bem quanto possível. Não durmais e não bocejeis sobre vosso trabalho: ponde toda vossa força em atividade. Não poupeis cansaças. Que coisa alguma se faça pela metade, ou de modo precipitado, ou com displicência. Que coisa alguma em vossos negócios seja deixado por fazer, se se tratar de coisa que se possa fazer pelo trabalho ou pela paciência.

8. Ganhai o mais que puderdes pelo senso comum, pela aplicação ao vosso negócio de todo o entendimento Que Deus vos deu. É interessante notar quão poucos fazem isto; como correm os homens nas pegadas de seus antepassados. Mas, Seja o que for que façam os que não conhecem a Deus, isso não vos servirá de regra. É vergonhoso a um cristão não se *avantar* em qualquer coisa que empreenda. Aprenderéis continuamente pela experiência dos outros, e pela vossa própria experiência, leitura e reflexão, a fazer o que tiverdes de fazer de modo mais perfeito hoje do que o fizestes ontem. E vede que pratiqueis o que aprenderdes, para Que possais fazer do melhor modo o que estiver em vossas mãos.

## II

1. Tendo ganho o mais que puderdes, pelo exercício de sabedoria honesta e incansável diligência, a segunda regra de prudência cristã que se apresenta é: “Economizai o mais que puderdes.” Não atireis ao mar o precioso talento: deixai aos filósofos pagãos essa loucura. Não o atireis fora em gastos ociosos, o que seria o mesmo que atirá-lo ao mar. Não gasteis parte dele em gratificar simplesmente o desejo da carne, a cobiça dos olhos ou a vaidade da vida.

2. Não desbarateis qualquer parte de tão precioso talento meramente gratificando os desejos da carne, procurando os prazeres dos sentidos, de qualquer espécie que seja, principalmente requintando o prazer do paladar. Não quero dizer que se evite somente a glotonaria e a bebedice: um pagão honesto condenaria estas coisas. Mas há uma espécie bem aceita, festejada, de sensualidade, um elegante epicurismo, que não transtorna imediatamente o estômago, nem (pelo menos sensivelmente), obscurece o entendimento; e, todavia (para não mencionar agora outros efeitos), não pode ser sustentada sem considerável despesa. Suprimi toda essa despesa. Desprezai o requinte e a vaidade e contentai-vos com o que a simples natureza requer.

3. Não gasteis qualquer parte de tão precioso talento meramente para gratificar a cobiça dos olhos, em vestuário supérfluo ou dispendioso, ou em ornatos desnecessários. Não gasteis parte dele em adornar brilhantemente vossa casa; em móveis dispensáveis e caros; em pinturas custosas, quadros, douraças, livros raros; em jardins mais elegantes do que úteis. Deixai que vossos vizinhos, que nada conhecem de melhor, façam isso: “deixai que os mortos enterrem os seus mortos”. Mas, “que tem aquilo convosco”? – diz o Senhor. “Segui-me”. Estais dispostos? Então sois capazes de fazê-la.

4. Não despendais coisa alguma no gratificar a vaidade da vida, no granjear a admiração e o louvor dos homens. Este motivo de despesa frequentemente se entrelaça a algum dos precedentes, ou a ambos. Os homens são gastadores em alimentação, ou vestuário, ou aparelhamento, não meramente para agradar a seu apetite, ou para lisonjear os próprios olhos, ou a imaginação, mas também para acalentar a vaidade própria. “Enquanto fizerdes o bem a vós mesmos, os homens vos louvarão”. Enquanto vos vestirdes “de púrpura e linho fino, e vos banquetardes esplendidamente todos os dias”, sem dúvida que muitos aplaudirão vosso gosto elegante, vossa generosidade e hospitalidade. Não compreis tão caro o aplauso dos homens. Contentai-vos, antes, com o louvor que vem de Deus.

5. Quem despenderia qualquer coisa em gratificar aqueles desejos, se considerassem que gratificá-los é aumentá-los? Nada pode ser mais certo do que isto: a experiência diária mostra que, quanto mais são acariciados, mais eles

crescem. Todas as vezes, pois, que despendei.) alguma coisa para agradar a vosso paladar ou a outros sentidos, estais contribuindo na mesma proporção para a sensualidade. Quando gastais dinheiro para agradar a vossos olhos, contribuis para o aumento da curiosidade por um mais forte apego aos prazeres que perecem pelo uso. Se comprais alguma coisa que os homens costumam aplaudir, estais comprando maior quantidade de vaidade. Já não tίνheis, então, bastante vaidade, sensualidade, curiosidade? Era necessário qualquer acréscimo? E quereríeis pagar tão caro por esse aumento? Que casta de sabedoria é essa? O literal arremesso de vosso dinheiro ao fundo do mar não seria loucura menos prejudicial?

6. E por que desperdiçaríeis dinheiro com vossos filhos e convosco mesmos, em manjares finos, em vestuários deslumbrantes ou custosos, em superfluidades de qualquer espécie? Por que havíeis de lhes comprar mais orgulho ou cobiça, mais vaidade ou desejos loucos e insensatos? Eles não necessitam de nada mais; já têm o bastante; a natureza lhes fez ampla provisão: por que havíeis de aumentar, à custa de maiores despesas suas tentações e laços, para os traspasar de maiores tristezas?

7. Não deixeis dinheiro para que os filhos gastem. Se tiverdes boa razão de crer que eles gastarão o de que estais agora de posse, gratificando, e deste modo aumentando, o desejo da carne, a cobiça dos olhos ou a vaidade da vida, com perigo de suas almas e das vossas – não armeis essas emboscadas em seu caminho. Não ofereçais vossos filhos ou vossas filhas a Belial, e menos ainda a Moloque. Tende piedade deles e removi de seu caminho aquilo que facilmente podeis prever lhes aumente os pecados e, conseqüentemente, os precipitará mais fundo na perdição eterna! Quão espantosa é, logo, a enfatuação dos pais, que pensam que nunca poderão deixar o bastante a seus filhos! Como! Não podeis legar-lhes quantidade bastante de setas, tições e morte? Não podeis deixar-lhes quantidade bastante de desejos loucos e ruinosos? Não bastante orgulho, cobiça, ambição, vaidade? Não bastante quantidade de ardores eternos? Pobres infelizes! Temeis onde não há temor. Certamente que tanto vós como eles, quando abrides vossos olhos no inferno, tereis bastante do “verme que não morre” e do “fogo que nunca se extingue”!

8. “Que farias então, se estivesses no meu lugar? Se tivesses uma considerável fortuna a deixar?; Quer eu tenha ou não, sei o que *devo* fazer: isto não admite nenhuma dúvida razoável. Se eu tivesse um filho, mais velho ou mais jovem, que conhecesse o valor do dinheiro; um que, segundo meu pensar, lhe desse a verdadeira aplicação, julgaria de meu dever absoluto, indispensável, legar àquele filho toda a soma de minha fortuna: aos demais deixaria o estritamente necessário a habilitá-los. a viver do modo por que foram acostumados a viver. “Que farias, se todos os teus filhos fossem igualmente ignorantes do verdadeiro uso do dinheiro?” Devo então (duro discurso! Quem pode ouvi-lo?) dar a cada um o que for necessário para pô-los a coberto da miséria e dispor de todo o resto da maneira que eu julgo ser o melhor para a glória d~ Deus.

### III

1. Não imagine alguém que já tenha feito grande coisa, meramente por ter avançado tanto, por ter “ganho e economizado o mais que possa”, detendo-se, todavia, aí. Tudo isso é nada, se o homem não for além, se não assinalar a tudo isso um outro fim. Nem, na verdade, pode-se dizer propriamente que o homem economizou alguma coisa, se ele descansar nesse ponto. Tanto podeis lançar vosso dinheiro no mar como podeis enterrá-lo. E tanto podeis sepultá-lo na terra com em vosso cofre ou no Banco da Inglaterra. Não usar é efetivamente lançar fora. Se, pois, quiserdes verdadeiramente “granjear amigos com Q mamon da iniquidade”, aduzi a terceira regra às duas precedentes. Tendo primeiro ganho o mais que pudestes e, em se gundo lugar, economizado o mais que pudestes, então “dai o mais que puderdes”,

2. Para que vejamos o fundamento e a razão disto, consideremos que, quando o Senhor dos céus e da terra vos chamou à vida e colocou-vos neste mundo, Ele colocou-vos aqui, não como proprietários, mas como administradores: assim Ele vos confiou, por algum tempo, bens de várias espécies; mas a posse única desses bens ainda continua em suas mãos e delas jamais poderá ser alienada. Como não vos pertenceis a vós mesmos, mas a Deus, assim pertence a Ele, de modo igual, tudo aquilo de que desfrutais. Tais são vossa alma e vosso corpo: pertencem a Deus, não a vós. E em particular assim é vossa fortuna. Ele vos disse, nos termos mais claros e categóricos, cama devíeis empregá-la como seu administrador, de modo a se tornar um sacrifício santo e aceitável, mediante Cristo Jesus. E por esse serviço leve, fácil, Deus prometeu recompensar-vos com eterno peso de glória.

3. As direções que Deus nos deu, em referência ao uso de nossos bens temporais, podem ser compreendidas nos seguintes detalhes: Se desejardes ser um administrador prudente e fiel da porção de bens de vosso Senhor, que no presente se acha em vosso poder, mas reservando-se o Senhor seu direito de recuperá-la quando lhe aprouver, assegurai-vos, primeiro, as coisas que vos forem necessárias: alimento que vos nutra e roupa que vos agasalhe, e o mais que a natureza modernamente requer para conservar o corpo em saúde e vigor. Em segundo lugar, assegurai essas coisas à vossa esposa, a vossos filhos, a vossos servos ou a quaisquer outros que pertençam à vossa casa. Se, feito isto, ainda houver sobras, então “fazei o bem aos que são da família da fé”. E se ainda houver sobra, “tendo oportunidade, fazei o bem a todos os homens”. Assim fazendo, dai tudo que puderdes; ou, noutro sentido, tudo que tiverdes: porque tudo que for empregado dessa maneira será realmente dado a Deus. “Dai a Deus as coisas que são

de Deus”, não só através daquilo que derdes aos pobres, mas também por aquilo que despenderdes no prover as coisas necessárias a vós mesmos e à vossa família.

4. Se, então, alguma dúvida puder em qualquer tempo levantar-se em vosso espírito, acerca daquilo que estiverdes gas-tando, seja convosco mesmos ou com uma parte de vossa família, tendes um modo fácil de removê-la. Investigai calma e seriamente: “(1) Prosseguindo assim, estou agindo de acordo com meu caráter? Estou agindo neste assunto, não como proprietário, mas como administrador dos bens de meu Senhor? (2) Estou fazendo isto em obediência à sua Palavra? Em que Escritura Ele exige de mim que assim faça? (3) Posso oferecer esta ação, esta despesa, como um sacrifício a Deus, através de Jesus Cristo? (4) Tenho razão para crer que por esta obra terei recompensa na ressurreição dos justos?” Dificilmente tereis necessidade de qualquer outra coisa mais para que se remova qualquer dúvida que se levante neste terreno; mas, por essa quádrupla consideração, receberéis mais clara luz sobre o caminho que devais seguir.

5. Se qualquer dúvida ainda permanecer, podeis ademais vos examinar em oração, segundo aqueles títulos de investigação. Experimentai se podeis dizer ao perscrutador dos corações, se vossa consciência vos não condena: “Senhor, tu vês que vou despender esta soma em tal alimento, vestuário, aparelhamento. E tu sabes que nisto procedo com olhos simples, como administrador dos teus bens, desviando assim esta porção deles; no cumprimento dos desígnios com que me instruístes. Sabes que isto faço em obediência à tua Palavra, como mandaste e porque mandaste. Seja isto, suplico-te, um sacrifício santo, aceitável por Jesus Cristo! E dá-me um testemunho em mim mesmo, de que por este trabalho de amor terei recompensa, quando retribuíres a cada um segundo suas obras.” Agora, se vossa consciência vos dá testemunho no Espírito Santo, de que esta oração é agradável a Deus, então não tendes razão para duvidar seja aquela despesa justa e boa, e de natureza tal que jamais vos envergonhareis dela.

6. Vede, pois, que é para “granjear amigos com o mamom da iniquidade” e assegurardes por esse meio que, “quando faltardes, eles vos recebam nos tabernáculos eternos”. Vede a natureza e a extensão da prudência verdadeiramente cristã, até onde ela se relaciona com o uso daquele grande talento, o dinheiro. Ganhai o mais que puderdes, sem causardes dano a vós mesmos ou a vosso próximo, na alma ou no corpo, aplicando-vos a isso com diligência continua e com todo o entendimento que Deus vos deu; economizai o mais que puderdes, suprimindo toda despesa que somente sirva para acariciar os desejos insensatos, para gratificar o desejo da carne, a cobiça dos olhos ou a vaidade da vida; nada gasteis, vivendo ou morrendo em pecados ou loucura, seja para vós mesmos ou para vosso~ filhos; e depois, dai o mais que puderdes, ou, em outras palavras, dai a Deus tudo que tiverdes. Não vos amarreis, mais como judeu do que como cristão, a esta ou àquela proporção. Dai a Deus, não a décima parte, não a terça, não a metade, mas tudo que é de Deus, seja muito ou pouco, empregando tudo em proveito de vós mesmos, de vossa família, da família da fé, de toda a humanidade, e de tal modo que possais prestar boas contas de vossa administração, quando não mais fordes despenseiros; de modo tal como os Oráculos de Deus ensinam, através de preceitos tanto gerais como particulares; de tal modo que tudo quanto fizerdes possa ser “um sacrifício de cheiro suave ao Senhor” e que todo ato possa ser recompensado naquele dia, quando o Senhor vier com todos os seus santos.

7. Irmãos, podemos ser sábios e fiéis despenseiros, se assim, não administrarmos os bens de nosso Senhor? Não o podemos, como testificam não só os Oráculos de Deus como nossa própria consciência. Então, por que havíamos de esperar? Por que havíamos de aconselhar-nos por mais tempo com a carne e o sangue, ou com os homens do mundo? Nosso reino, nossa sabedoria, não é deste mundo: os costumes pagãos nada são para nós. Não seguimos mais os homens do que estes seguem a Cristo. Ouvi a Cristo: sim, hoje, neste tempo que é chamado hoje, ouvi e obedeci à sua voz! Nesta hora, e a partir desta hora, fazei sua vontade: cumpri sua Palavra, nisto e em todas as coisas! Eu vos exorto em nome do Senhor Jesus: procedei segundo a dignidade de vossa vocação! Nada de preguiça! Seja o que for que vossas mãos achem para fazer, fazei-o com vosso poder! Não gasteis mais! Suprimi todo gasto com as exigências da moda, do capricho da carne e do sangue! Não mais cobiçais! Mas empregai o que Deus vos confiou em fazer o bem, todo bem possível, de toda espécie e em toda medida possível, à família da fé, a todos os homens. Esta é uma parte e não das menores da “sabedoria do justo”. Dai tudo que tiverdes, assim como tudo que sois, em sacrifício espiritual. Aquele que não vos recusou seu Filho, seu único Filho: assim, “armazenai pata vós mesmos um bom fundamento para o tempo vindouro, de modo que alcanceis a vida eterna!”

#### **QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 50**

- P. 1. (§ 1). A quem foi dirigida a parábola do filho pródigo? E por quê?
- P. 2. (§ 1). A quem foi dirigida a parábola do mordomo infiel?
- P. 3. (§ 2). Que foi ai inculcado por nosso Senhor?
- P. 4. (§ 2). Que se diz ali do dinheiro?
- P. 5. (§ 3). Que é de grande importância a todos que amam a Deus?
- P. 6. (I. 1). Qual é a primeira regra da vida? Como se limita ela?
- P. 7. (I. 2). Como devemos limitar a regra, em segundo lugar?
- P. 8. (I. 3). Como se limita ela, em terceiro lugar?

- P. 9. (I. 4). Como ela se limita pela dívida de atenção dada ao nosso próximo? Como o pregador trata os mercadores de álcool?
- P. 10. (I. 5). Que se diz dos médicos que brincam com a vida ou a saúde dos homens?
- P. 11. (I. 6). Como se chama tal ganho?
- P. 12. (I. 7). Observadas essas limitações, qual é o dever de todos?
- P. 13. (I. 8). Como podemos ainda ganhar o mais que pudermos?
- P. 14. (II. 1). Qual é a segunda regra?
- P. 15. (II. 2). Que se diz da inútil despesa feita com o gratificar os desejos da carne?
- P. 16. (II. 3). É do desejo dos olhos? Que sentido tem aí essa expressão?
- P. 17. (II. 4). Que se diz da vaidade de vida? Que quer dizer isso?
- P. 18. (II. 5). Que se diz do aumento de desejos; motivado pela gratificação deles?
- P. 19. (II. 6). Que se diz do gasto inútil com nossos filhos?
- P. 20. (II. 7). Que diz o pregador acerca do legado de dinheiros aos filhos?
- P. 21. (II. 8). Como o pregador adverte ao homem de fortuna? Não mostra ele a influência da opinião inglesa em voga, no tocante a legar a massa da fortuna a um filho e menos aos outros? Como ele qualifica isso? Não é uma regra perigosa, mesmo sendo guardada desse modo?
- P. 22. (III. 1). Que outra regra se estabelece?
- P. 23. (III. 2). Qual é o seu fundamento ou sua razão?
- P. 24. (III. 3). Em que particularidades são dadas as direções divinas?
- P. 25. (III. 4). Como podem ser removidas certas dúvidas?
- P. 26. (III. 5). Que dúvidas ainda permanecem?
- P. 27. (III. 6). Como o pregador resume o argumento?
- P. 28. (III. 7). Que pergunta aí se formula? Como se responde a ela?
- P. 29. (III. 7). Como se conclui O sermão?